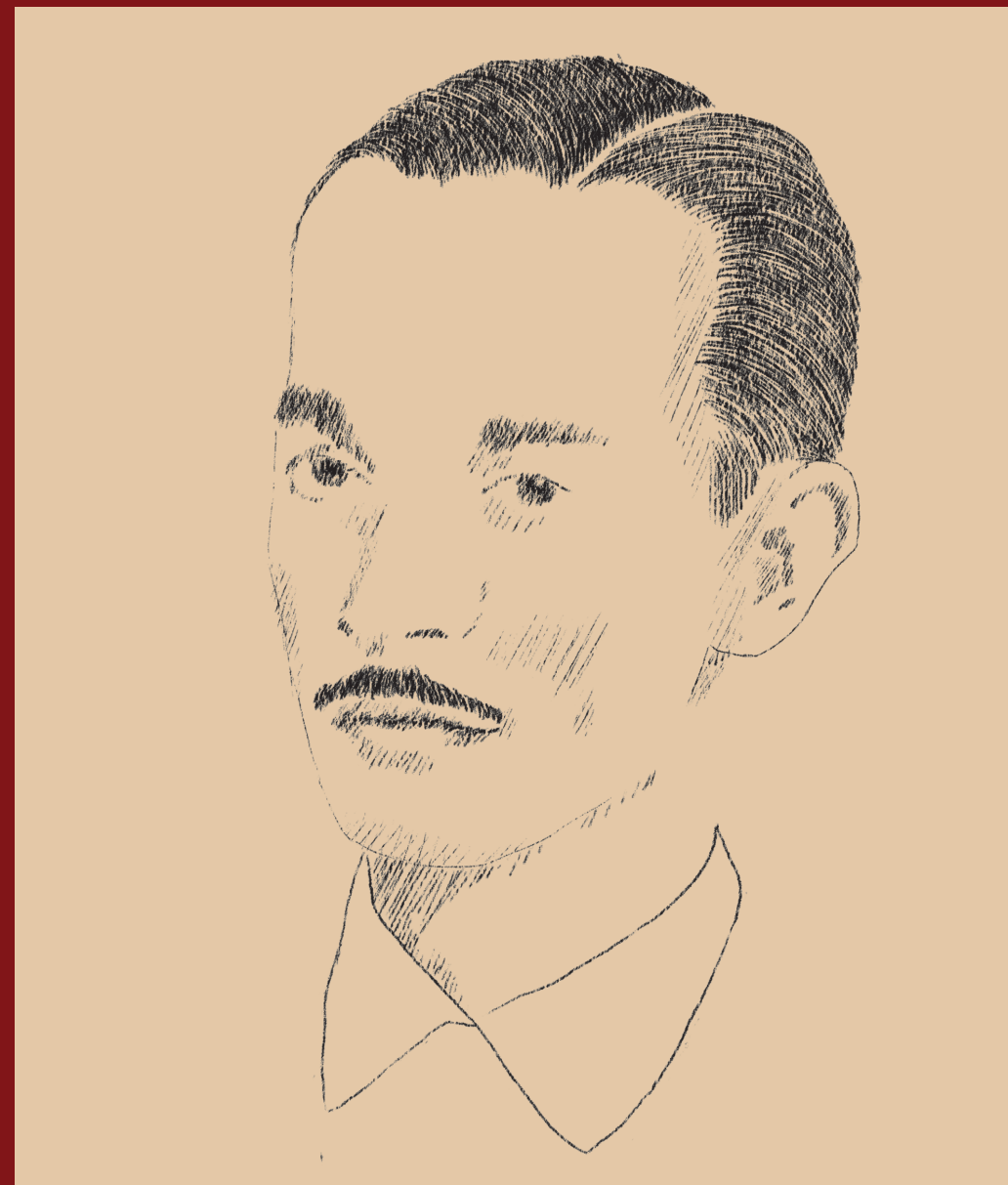


della credo legitimo, tanto assim que s' sempre deu
ocupar o cargo, quando o effectivo se achia por q
impedido, como se da agora que o dr. juiz de direito
interinamente substituir o effectivo, que se achia em
o portador do bilhete foi o dr. Agostinho Pereira, in
tituil-o, até mesmo porque o querelado s' coubera
de seu escrevente, como se da com todos os juizes
fôre, como não ver que o querelado não desprezou
as ordenanças pela prudencia », e, consequentemente
negligente?

Muito embora maliciado pelo illustre
Direito, desbandando o de « pouco prestimo » pela
falta de data e se reconhecida a firma em de
seira transparecer de mais palavras entencel-o
posthumo, e adrede feita com intuito a desfezab
muito bastante a



JASON SOARES ALBERGARIA



JASON SOARES ALBERGARIA

1912 – 2002

*J*ason Soares Albergaria nasceu em 24 de novembro de 1912, no meio rural de Minas Gerais, no pequeno vilarejo de Vermelho Velho, na zona da Mata, então pertencente ao município de Caratinga (atualmente, integra a cidade de Raul Soares). Era o sexto de onze irmãos. Criança franzina e de vivos olhos verdes.

Irmãos Albergaria
em Vermelho Velho



Seu pai, o farmacêutico prático Raymundo Soares Albergaria, proprietário de algumas terras e de uma venda – nome dado aos pequenos estabelecimentos comerciais de outrora –, leitor contumaz, resolveu, juntamente com a mãe do pequenino, Guilhermina Freitas Albergaria, tomar emprestado o nome de um herói grego, lendário argonauta que resgatou o mágico velocino de ouro – lã preciosa de um carneiro mitológico –, para designar, doravante, aquele ser que, a exemplo do destemido Jasão, se destacaria corajosamente na busca pelos ideais de justiça, sobretudo na tutela dos menos favorecidos.

Circunspecto desde a mais tenra infância, perdeu a mãe, vítima do parto da que seria a décima segunda criança. Conheceu, assim, a ingrata orfandade a partir dos sete anos de idade. Todavia, gostava de contar aos filhos e, mais tarde, aos netos e bisnetos uma lição de vida da mãe, da qual fora alvo. Comia despreocupadamente, na frente de outra criança, uma das quitandas preparadas por Guilhermina. Era um biscoito em formato de rosca. Sua mãe o fez partilhar com o infante companheiro a guloseima. Jason nunca se esqueceu do ensinamento de desapego, aliado à consciência da existência e das necessidades do próximo. Aprendeu a não priorizar o acúmulo de bens. A singeleza do gesto de Guilhermina, centrado no cristianismo puro da caridade, iria comandar sua determinação para melhorar a vida de criaturas confinadas nas margens sociais: a criança abandonada e o presidiário, os dois maiores focos de sua futura trajetória profissional.

Corria o ano de 1924 quando Raymundo levou o filho até Leopoldina. Ainda a cavalo, pois a ferrovia não estava pronta. A cidade era conhecida como a Atenas de Minas, justamente pelo enorme prestígio do Ginásio Leopoldinense, formador dos futuros integrantes da elite intelectual mineira, assim como o Colégio do Caraça.

O tímido garoto de Vermelho Velho, longe das ruas batidas de terra de sua vila, tinha diante de si, em seu imaginário juvenil, a tarefa da antiquíssima história de Jasão ou Jason, o herói argonauta, incumbido pelo tio de lhe trazer a pele de ouro de um carneiro alado e sacrificado a Zeus, símbolo de prosperidade e poder. Guardado por um dragão, o velo – a lã daquele animal – estava preso em um carvalho. O tio, na verdade, lhe dera uma missão que julgava impossível, pois Jasão era príncipe, e, se não voltasse de sua jornada, o reino seria tomado pelo inescrupuloso parente mais velho. Submetendo-se a muitas e difíceis provas, o jovem conseguiu realizar a tarefa, principalmente pela ajuda da feiticeira Medeia, que, graças a uma poção mágica, tornou invulnerável seu escudo.

E lá estava Jason, na Atenas mineira, em busca de um talismã que o trouxesse, vitorioso, de volta ao lar. Embora não houvesse um parente insidioso para o impedir de suceder ao pai, havia no jovem Albergaria a vontade simples de corresponder à confiança daquele que se esforçava para lhe proporcionar os meios de alcançar um futuro digno.

Assim, numa dimensão bem mais singela, o jovem Jason navegava rumo à futura maturidade. Enfrentando o desconhecido, obteria sua passagem para a vida adulta. E na cidade estranha, na Atenas de Minas, tão diferente de sua realidade da rua sem calçamento, do balcão da farmácia do pai ou do carro de bois seguindo vagarosamente com suas rodas barulhentas pelo caminho entre o campo e o vilarejo, iniciaria sua batalha em prol dos menos favorecidos.

No início de 1931, concluídos os estudos em Leopoldina, Jason veio para Belo Horizonte. O objetivo, devidamente cumprido, era o curso preparatório, então requisito para o ensino universitário, o que lhe valeu o ingresso na Faculdade de Direito (hoje, UFMG).



Jason Albergaria,
universitário em Belo Horizonte

Excelente aluno, o que não surpreendia os parentes e amigos, colocou grau em dezembro de 1935. No final do curso, recomendado pelos professores, recebeu convite para trabalhar no escritório do famoso criminalista Alexandre Sette Câmara, mas o pai já tinha outros planos para ele. Raymundo, valendo-se de seus contatos políticos, conseguiu a nomeação do filho para a Promotoria de Justiça de Caratinga.

Como promotor de Justiça em Caratinga, destacou-se sobremodo, conforme mostram suas manifestações forenses e estudos muito bem elaborados, prova de que se preparara com afinco e responsabilidade para a carreira jurídica. Não havia concurso público ainda. As funções como as de juiz, delegado de polícia e promotor dependiam de nomeações políticas. Mas, se fosse o caso, não se intimidaria em mostrar, diante dos examinadores, a sua competência para o cargo.

No ano de 1936, o novo membro do Ministério Público iniciou sua árdua tarefa na comarca de Caratinga – de grande extensão em todo o Estado e com elevado número de processos. Tornar-se um adulto estabelecido perante o olhar do mundo não foi uma simples decorrência da vida, pois novos percalços o aguardavam. Ainda não completara vinte e quatro anos e era solteiro. Ali, em Caratinga, reencontrou uma pessoa que estivera presente em sua vida, tanto no Ginásio de Leopoldina quanto na Faculdade de Direito. Hospedada com o irmão, o médico Izá Freitas da Silva, estava Marietta, sua colega de estudos (graduada em Direito na mesma turma), disposta a advogar na cidade. Com um passado comum, reencontraram-se. Da amizade veio o namoro.

Jason e Marietta trocaram várias cartas durante o namoro, sobretudo nos períodos em que ela retornava para sua terra natal, Muriaé. Numa delas, escrita em 8 de setembro de 1936, Jason confessa o que lhe vai pela alma, dando uma ideia, de próprio punho, de seu temperamento sensível. Assim escreveu:

Aqui em Caratinga, tenho passado dias insípidos. Não saía à noite, nem aos domingos. A população começou a ciciar – de que eu estava com a ‘asa chumbada’. O motivo, todavia, é que traçara, em casa, um projeto de estudo e trabalho a seguir. Também comecei a sair, não por ouvir a população, mas porque tem sido forte a minha tensão nervosa: tenho trabalhado e lido muito. A despeito disso, fisicamente, me sinto cada vez mais disposto (Albergaria, 2012, p. 29).

E continua: “Agora vem um júri muito perigoso para mim. Preciso agir com muita finura. Talvez não o faça. Não posso silenciar-me ante injustiças de consequências ominosas” (Albergaria, 2012, p. 30).

Caratinga não é um ambiente muito aprazível para o jovem promotor, provocando-lhe uma crise existencial, que procura partilhar com Marietta:

Tenho feito tudo para adaptar-me aqui. O móvel é sua amizade. Se não corrigir-me de gênio, não quero sacrificá-la, não a sacrificarei. Se adaptar-me, será a nossa felicidade. Creio em Deus que assim acontecerá. Se não, terei a consciência e o escrúpulo de viver sozinho a minha desdita. Tenho a impressão, Marietta, que os livros me mataram. De natureza melancólica, o esforço sobre-humano que tenho feito me torna cada vez mais entristecido (Albergaria, 2012, p. 30).

Em 11 de março de 1937, convicto de seus sentimentos por Marietta, o jovem Albergaria destacou em carta:

O meu mundo interior vive cheio de você. Você me pôs em contato com a vida. Tudo o que agora faço de eficiente é por sua inspiração. A minha luta na vida não tinha antes um sentido a discipliná-la. Lutava pelo sabor heroico da vida. Agora já não é só assim. Por tudo isto, minha querida, penso que seremos muito felizes (Albergaria, 2012, p. 31).



Jason com sua noiva

A cerimônia que uniu Jason e Marietta foi realizada na terra da moça (Muriaé), pouco tempo depois. O jovem casal foi viver em Caratinga. O trabalho do jovem promotor de Justiça era bastante penoso. A comarca tinha vários termos, abrangendo localidades menores. Os julgamentos ali realizados demandavam a viagem a cavalo, sobretudo os do júri, que podiam durar cerca de um mês. Assim, Jason não esteve presente ao nascimento do primeiro filho, Jason Soares Albergaria Filho, em fevereiro de 1938. Pouco antes, em janeiro do citado ano, Jason escreveu a Marietta:

Quanto a mim, vou indo como Deus é servido. O trabalho é que é excessivo: em dois dias dei vinte denúncias, trabalho que o meu antecessor deixou em atraso, estou fazendo sumários diários e requerendo executivos. Estamos atacando os trabalhos antigos do crime. Ataqueei o serviço de 1935 em para mais de cem inquéritos paralisados. E vamos para 1934, e assim sucessivamente (Albergaria, 2012, p. 34).

O jovem promotor, com a capacidade de concentração adquirida em Leopoldina, que o levava a se debruçar sobre cada processo com todo o entusiasmo em que deveria atuar, seguia sua jornada ministerial, nunca se esquecendo, entretanto, daquela lição de Guilhermina – da partilha, do servir ao próximo. Cristão fervoroso, Jason abarcou as ideias de Jacques Maritain, retomando o pensamento de Tomás de Aquino. Em linhas gerais, como ele, vários jovens intelectuais do país se engajariam no neotomismo, uma resposta contundente que se opunha às ideologias do fascismo e do comunismo.

Libelo crime acusatório
oferecido pelo promotor
na comarca de Caratinga

Por libelo crime acusatório diz a Justiça, por seu Promotor
conta o seu João Guilherme de Castro, o seguinte,

1.º

P. que o seu João Guilherme de Castro, no dia 27 de Novembro
de 1940, a' rua da Minguaute, na cidade de Guahapirã
desta comarca, fêz com um instrumento contundente em
Epigenio Luis da Silva o ferimento leve descrito no art.
de fbs;

2.º

P. que o seu cometeu o crime impellido por motivo
provado.

Nestes termos, deve o dito seu ser condenado a
pna maxima do art. 303 da C.L.P.; e as pagas da ta
penitenciaria.

rol das Testes residentes no d. da culpa.

1. Josi Alves de Lanza

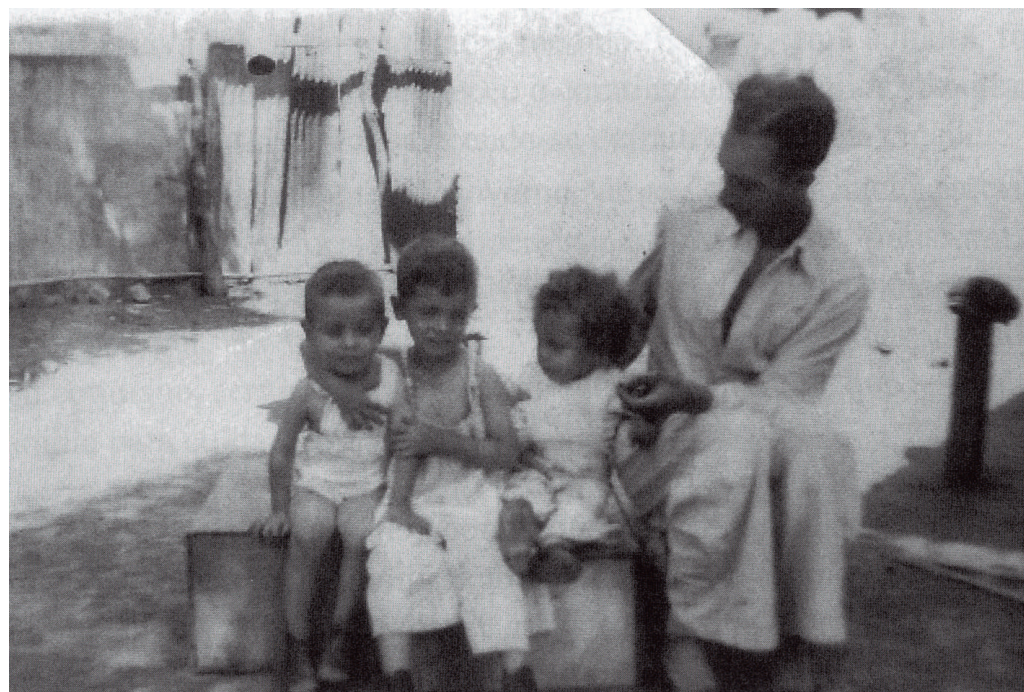
2. Belmira Moura de Jesus

3. Argentin José Soares

Caratinga, 14 de Novembro de 1941

Jason Soares de Albergaria
Promotor de Justiça.

A família aumentou. Veio à existência Raimundo, nome dado pelo herói argonauta ao segundo rebento (meu pai), nascido em 31 de agosto de 1940, em homenagem ao avô paterno. O terceiro, Ben-Hur. Em seguida, Maria das Graças e Isalino.



Jason em Caratinga
com os primeiros filhos



Já promotor de Justiça

Nos momentos de folga Jason lia as obras de Liev Tolstói e Fiódor Dostoiévski. Há nesses escritores russos um forte sentimento com que se debruçam sobre a alma humana e especialmente sobre o sofrimento que a vida desperta nos homens. Mergulhava nos dramas de Guerra e Paz e Irmãos Karamázov.

Tomado pelos ideais cristãos de Tolstói, Dostoiévski e Maritain, empolgado com a perspectiva da instalação, no Brasil, do regime democrático a partir da queda da ditadura Vargas, Jason resolveu ingressar no cenário político.

A nova situação mundial com o fim da cruenta Segunda Guerra, sobretudo na Europa destruída, demandava, por parte dos cristãos, ações concretas para o soerguimento moral e social não somente do Velho Continente, mas também das Américas. Para tanto, Jason aderiu aos compromissos da democracia pluralista, não abrindo mão, entretanto, dos valores cristãos na vida política. A fim de combater o Estado forte e centralizado, Jason licenciou-se de sua função pública como promotor, filiando-se ao PDC (Partido Democrata Cristão).

Em 1946, Jason foi eleito deputado estadual por Minas Gerais. Findo o Estado Novo da era Vargas, seria escrita a Constituição Mineira. Fato curioso e inédito na política, à época, a também eleição para o parlamento mineiro do médico Jaeder Soares Albergaria, irmão mais velho de Jason, pelo PSD.

No início da legislatura, em 1947, Jason, Marietta e os três filhos chegaram a Belo Horizonte. No novo ambiente, no exercício de seu mandato, motivado pelo momento de reconstrução política do país, tendo em mente os princípios cristãos da liberdade, da solidariedade e da justiça, além da dignificação do trabalho, Jason passou a atuar na Assembleia de Minas. Justiça e caridade, aliás, vistas como alívio ao sofrimento dos desfavorecidos, eram

molas que o impulsionavam. Tomou como exemplo seu contemporâneo da França, Henri Groués, mais conhecido como Abade Pierre, fundador do movimento Emaús, de acolhimento dos sofridos moradores de rua de Paris.

Nos quatro anos de mandato, Jason se fez presente nas comissões de Segurança Pública e de Viação e Obras Públicas, além de ter sido quarto-secretário da mesa. Também se dedicou a organizar a biblioteca da Assembleia, enquanto procurava apresentar projetos de interesse público.

No entanto, não se adaptava à política baseada no jogo de interesses e, por contrariar a orientação de seu partido em determinada questão, preferindo votar segundo sua consciência, viu-se expulso pelo diretório nacional. Não se candidataria à reeleição. Sentia não dispor da menor afinidade com a face intransigente da política, pois era avesso a arranjos e concessões. A gota d'água foi quando percebeu que a democracia cristã, pela qual se apresentou com as melhores intenções para a vida parlamentar, não passava de uma sigla vazia, pronta para brigar, como as outras, por migalhas do poder.

Ficou muito claro para Jason que seu caminho era a volta ao Ministério Público, onde podia, com mais independência, discernimento e sabedoria, procurar aplicar a justiça. Designado promotor de Justiça de Juiz de Fora, ali permaneceu pouquíssimo tempo, pois lhe foi, providencialmente, oferecido o cargo de secretário da Corregedoria de Justiça em Belo Horizonte. Com empenho cuidou da instalação do órgão, redigindo até mesmo o seu regimento.

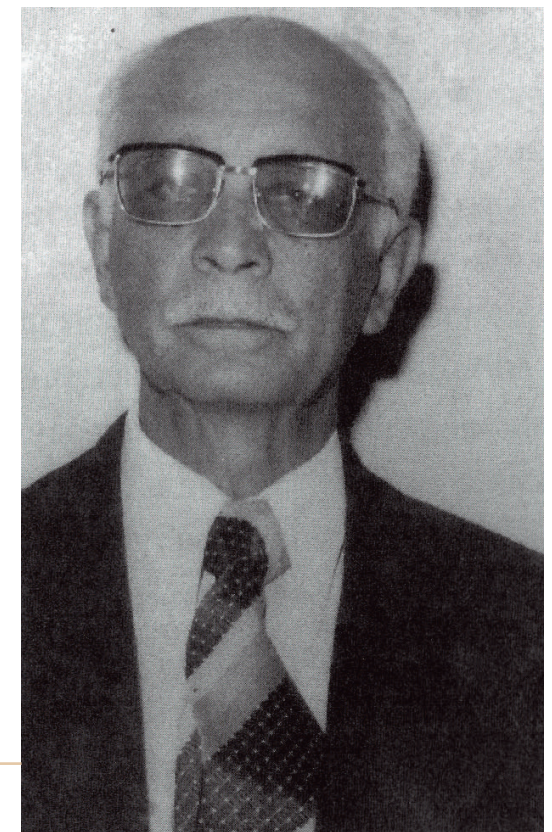
Removido para a Curadoria de Menores da Capital, passou a estudar com afinco as questões afetas aos direitos dos infantes e jovens, levando-o

a redigir a Lei de Adoção, apresentada, com sucesso, à Câmara Federal por seu irmão Jaeder. Seu objetivo era tornar mais avançada a política de adoção no país, superando os aspectos retrógrados presentes no Código Civil. Ao mesmo tempo, alimentava a legislação no nível estadual, com âmbito no Ministério Público, redigindo novas portarias, entre as quais a que tornou efetivo o comissariado de menores.

Seu entusiasmo pela proteção à infância e à juventude tornava-o um especialista na matéria. Por essa época foi convidado a participar do corpo de professores da Escola de Serviço Social, um dos cursos pioneiros para a futura criação da Universidade Católica. Passaria então a se dividir entre o serviço público e a atividade de professor. Por diversas vezes o Ministério Público teria de cedê-lo ao Poder Executivo, pois diversos governos começariam a buscá-lo, recorrendo à sua capacidade de entrega ao serviço da coletividade.

Promovido por merecimento ao cargo de subprocurador de Justiça, Jason deixou a Curadoria de Menores, passando a dedicar-se aos pareceres dados nos processos de segunda instância. Logo foi chamado por Rondon Pacheco, então secretário do Interior e Justiça, para dirigir o Departamento Social do Menor. Reestruturou todas as escolas dirigidas ao menor abandonado, nomeando pessoal qualificado para sua direção, recorrendo a psicólogos e assistentes sociais para integrar as equipes de amparo aos jovens internos. Fechou a Escola Alfredo Pinto, internato de jovens infratores, onde ocorriam grandes descalabros administrativos aliados à violência contra os jovens. Transferida para Sete Lagoas, a escola pôde oferecer uma assistência diferente aos reeducandos, que passaram a receber um tratamento mais humano e profissionalizante, com o objetivo de obter sua reintegração na comunidade.

Lecionou por um ano na Faculdade de Direito da UFMG a disciplina de Direito Internacional Público. Dali iria para a Faculdade de Direito da PUC, onde permaneceu dezoito anos, lecionando Direito Processual Penal e vindo a fundar o Instituto de Criminologia. O professor vai sendo solicitado a transmitir sua experiência a um maior público. Começa a nascer o escritor, autor de dez livros em duas áreas carentes de literatura especializada em português: o Direito do Menor e a Criminologia.



Jason no exercício
da criminologia

Desde o trabalho como curador de menores, Jason se preocupava com a recuperação e a reintegração social dos indivíduos considerados em dívida com a sociedade. A ovelha desgarrada, como na lição do Evangelho, era para ele um alvo no qual insistia em investir, pois nunca duvidou da possibilidade de redenção do ser humano.

A convite de Rondon Pacheco, agora governador de Minas, aceitou o encargo de dirigir a penitenciária agrícola do Estado, então desestruturada e quase abandonada.

Imbuído do espírito reformista das nossas prisões, Jason abraçou o trabalho na penitenciária, logo montando um centro de atendimento em seu complexo, para acolher médicos, psicólogos, psiquiatras, assistentes sociais e capelães. Exames criminológicos passaram a ser feitos nos internos. Oficinas foram criadas. Firmou convênios com diversos órgãos para que os condenados pudessem trabalhar e estudar. Seu entusiasmo era tamanho que doou seus vencimentos como diretor para a manutenção de um centro odontológico na penitenciária. Criou, também, uma penitenciária anexa, denominada de “Jovem Adulto”, que abrigava presos entre dezoito e vinte e cinco anos.

Ao deixar o cargo, a penitenciária de Neves, além de tornar-se autossuficiente pela produção de suas fazendas, havia voltado a ser o estabelecimento modelo que fora durante os primeiros anos de sua existência. O processo de humanização dado ao tratamento dos presos mereceu uma reportagem do semanário Opinião, de conteúdo altamente elevado, do periódico Le Monde.

O convívio com adolescentes e adultos infratores avivou, naturalmente, seu interesse intelectual, desafiando-o a entender, numa extensão mais ampla, a intrincada questão que abrange a mente e a personalidade de seres humanos que incidem em um ato criminoso. Sua motivação era buscar a recuperação dos que poderiam voltar à sociedade. Para tanto, fundou e dirigiu, primeiramente, junto ao curso de Direito da Universidade Católica, um Instituto de Criminologia. Formou uma primeira geração de criminólogos mineiros. O instituto acabaria transferido para a Academia de Polícia Civil e, mais tarde, para a Academia de Polícia Militar, onde lecionou por alguns anos.

Um novo secretário da Justiça, Dênio Moreira, o trouxe de volta, já aposentado, para servir à causa pública. O cargo, dessa vez, era a direção do Departamento de Organização Penitenciária de Minas Gerais. Ali se utilizaria largamente da criminologia, valorizando a preparação e o treinamento do pessoal que trabalhava com os internos.

Em seguida, foi chamado pelo Ministério da Justiça, então comandado pelo mineiro Ibraim Abi-Ackel, para dirigir o Departamento Penitenciário Nacional. Colaborou ativamente para várias mudanças no sistema penitenciário do país, estabelecendo a obrigatoriedade de cursos para servidores em estabelecimentos prisionais e sempre elaborando medidas para a ressocialização do preso. Criou várias penitenciárias pelo território nacional, dentro das normas preconizadas pela ONU, além de ter visitado e fiscalizado periodicamente as instalações penais de diversos estados.

Participaria, ainda, de grupos de trabalho encarregados da elaboração da Lei de Execuções Penais e do Estatuto da Criança e do Adolescente, tendo posteriormente publicado obras escritas especialmente para facilitar o entendimento dessas normas.

No dia 24 de setembro de 2002, Jason não resistiu a uma pneumonia, a poucos dias de completar 90 anos. Se Jason pôde fazer o balanço final de sua vida, desde a bucólica infância em Vermelho Velho, rememorando o trajeto do jovem argonauta até a maturidade e a velhice inteiramente dedicadas à causa da justiça, partiu com a tranquilidade de quem foi um homem de bem, desempenhando com amor, e com amor sendo amplamente retribuído, seus papéis de filho, irmão, marido, pai, avô e bisavô, mestre e, acima de tudo, de um verdadeiro servidor público, que, de acordo com o seu sentimento cristão, consagrou sua energia e seu coração aos mais desvalidos.

O significado de seu nome, Jason, no grego láson, quer dizer o curador. Jason respeitou em cada homem o homem, se não aquele que ele é, pelo menos o que ele poderia ser, que ele deveria ser.

No seu enterro, discursou o colega Ciro Franco, revelando um segredo desconhecido até pela família, fruto da imensa modéstia. Era também autor da Lei do Ministério Público, que, levada a Brasília, tornou-se a lei de estrutura do órgão.

Condecorado post mortem com a Medalha do Mérito Judiciário, do governo mineiro, legou seu nome à penitenciária criada em São Joaquim de Bicas e à sala de reuniões do Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária.

O promotor de Justiça Lélvio Braga Calhau, da Univale (Governador Valadares), publicou em sua homenagem o artigo “Jason Soares Albergaria e o papel social do criminólogo no mundo moderno”.

No ano de 2011 foi instituída pela Corte Superior do Tribunal de Justiça de Minas Gerais a Medalha Jason Albergaria, concedida a cada dois anos a até três pessoas que tenham se destacado no programa “Novos Rumos”, voltado para a humanização no cumprimento das penas privativas de liberdade e das medidas de internação, com enfoque na reinserção social da pessoa em conflito com a lei.

Volto, por fim, aos autores russos que inspiraram a trajetória de vida do meu avô. De Tolstói Jason herdou a reverência pelo ideal absoluto de Deus. Tolstói levou absolutamente a sério a pergunta de Jesus: “Que adiantará ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?”. Não é fácil ignorar um homem disposto a libertar seus servos e desfazer-se de suas posses só para obedecer a uma ordem de Cristo. Quem dera ele pudesse viver à altura daqueles seus ideais – quem dera nós pudéssemos viver à altura deles.

Se Tolstói escreveu romances brilhantes, ensolarados, Dostoiévski escreveu romances sombrios, interiorizados. Preso por dez anos em uma penitenciária na Sibéria, por ordem do czar Nicolau I, Dostoiévski debruçou-se sobre o Novo Testamento, o único livro permitido no cárcere. A prisão lhe ofereceu outro ensejo, que à primeira vista parecia uma maldição: ela o forçou a viver lado a lado com ladrões, assassinos e camponeses bêbados.

A vida compartilhada com esses prisioneiros mais tarde produziu personagens inigualáveis em seus romances, como o homicida Raskólnikov de Crime e Castigo. Sua visão liberal de bondade inerente da humanidade não conseguia explicar o mal puro e simples que ele encontrou nos colegas de cela, e sua teologia precisou se adequar a essa nova realidade. Com o tempo, todavia, ele também vislumbrou a imagem de Cristo nos prisioneiros mais vis. Passou a crer que apenas sendo amado o ser humano é capaz de amar.

O jovem argonauta, certamente, encontrou a graça nos romances de Dostoiévski. Embora Crime e Castigo retrate um ser humano desprezível que comete um crime hediondo, o bálsamo suavizante da graça entra na vida de Raskólnikov, por meio de uma prostituta convertida, Sônia, que o acompanha na Sibéria e o leva à redenção.

De Tolstói, Jason aprendeu a necessidade de olhar para dentro, para o reino de Deus que está no homem. De Dostoiévski, o jovem argonauta entendeu que os fracassos da humanidade e de todos os sistemas políticos designados a lidar com eles não têm soluções. Como o místico Alyosha respondeu ao irmão agnóstico Ivan, em Os Irmãos Karamazov: “Não conheço a resposta ao problema do mal, mas conheço o amor”.

Uma vida que merece ser lembrada, mesmo que numa tão breve exposição. A essa vida certamente se aplica a essência da mensagem do jovem Albergaria, num seu discurso de 1946: “Só o saber culto ou de salvação liga o homem à interioridade do universo, pois o saber técnico só o prende exteriormente à natureza. O artista, o humanista e o santo vivem, compreendem e contemplam o segredo da substância dos seres”.

Referências

ALBERGARIA FILHO, Jason Soares. **Jason Soares Albergaria: o sentido de uma vida**. Belo Horizonte: Del Rey, 2012.

CALHAU, Lélío Braga. Jason Soares Albergaria e o papel criminológico no mundo moderno. **SE-DEP**. Disponível em: <https://www.sedep.com.br/artigos/jason-soares-albergaria-e-o-papel-criminologico-no-mundo-moderno/>. Acesso em: 29 ago 2024.

Caso Baleeiro: deputado apresentará documentação à Assembleia Legislativa. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, p. 13, 18 jul. 1963. Acervo O Estado de S. Paulo.

Especialista defende penitenciárias isoladas. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, p. 18, 28 abr. 1981. Legislação sobre Menores. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 6 jun. 1957. Tribunais, p. 14.

MINAS GERAIS. Assembleia Legislativa de Minas Gerais. [Jason Albergaria]. 1947. Fotografia p&b, 12x18 cm. Coleção Deputados estaduais. Acervo fotográfico da Coleção Memória da ALMG, Belo Horizonte. Disponível em: <https://dspace.almg.gov.br/handle/11037/27030>. Acesso em: 29 ago. 2024.

MINAS GERAIS. Constituinte Mineira de 1947. **Anais da Constituinte Mineira de 1947**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1947.

MONTEIRO, Norma de Goés (coord.) **Dicionário Biográfico Mineiro**: Período Republicano (1889/1991). Vol. 1. Belo Horizonte: Assembleia Legislativa de Minas Gerais, 1994.

Um grande ideal: humanizar as prisões. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, p. 25, 28 mai. 1981.

Imagens

Pág. 194 - Jason Soares de Albergaria - Fonte: FILHO, Jason Soares Albergaria. **Jason Soares Albergaria: o sentido de uma vida**. Belo Horizonte: Del Rey, 2012. p.49.

Pág. 195 - Irmãos Albergaria em Vermelho Velho - Fonte: FILHO, Jason Soares Albergaria. **Jason Soares Albergaria: o sentido de uma vida**. Belo Horizonte: Del Rey, 2012. p.3.

Pág. 198 - Jason Albergaria, universitário em Belo Horizonte - Fonte: FILHO, Jason Soares Albergaria. **Jason Soares Albergaria:** o sentido de uma vida. Belo Horizonte: Del Rey, 2012. p.22.

Pág. 201 - Jason com sua noiva Marietta - Fonte: FILHO, Jason Soares Albergaria. **Jason Soares Albergaria:** o sentido de uma vida. Belo Horizonte: Del Rey, 2012. p.29.

Pág. 203 - Libelo crime acusatório oferecido pelo promotor de Justiça da comarca de Caratinga Jason Soares Albergaria - Fonte: A Justiça (autora) vs. CASTRO, João Guilherme de. Processo judicial nº 0001 CRIM., Juízo Criminal da Comarca de Caratinga, 2 dez. 1940. Memorial do Judiciário Mineiro (MEJUD), Belo Horizonte, pág. 88.

Pág. 204 - Jason em Caratinga com os primeiros filhos - Fonte: FILHO, Jason Soares Albergaria. **Jason Soares Albergaria:** o sentido de uma vida. Belo Horizonte: Del Rey, 2012. p.40.

Pág. 205 - Já promotor de Justiça - Fonte: FILHO, Jason Soares Albergaria. **Jason Soares Albergaria:** o sentido de uma vida. Belo Horizonte: Del Rey, 2012. p.34.

Pág. 209 - Jason no exercício da criminologia - Fonte: FILHO, Jason Soares Albergaria. **Jason Soares Albergaria:** o sentido de uma vida. Belo Horizonte: Del Rey, 2012. P.71.